

Serviço Social e educação: desafios do verbo esperançar

Adriana Freire Pereira Férriz,
Carlos Felipe Nunes Moreira,
Eliana Canteiro Bolorino Martins,
Ney Luiz Teixeira de Almeida e
Cristiano Costa de Carvalho
(Organizadores).

EDITORA IBERO-AMERICANA
CULTURA ACADÊMICA Editora

Serviço Social e educação: desafios do verbo esperançar

Adriana Freire Pereira Férriz,
Carlos Felipe Nunes Moreira,
Eliana Canteiro Bolorino Martins,
Ney Luiz Teixeira de Almeida e
Cristiano Costa de Carvalho
(Organizadores).

GEPESSE
Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Serviço Social na área da Educação

unesp

UERJ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CULTURA ACADÊMICA Editora

EDITORA IBERO-AMERICANA

FAPESP

CAPES

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S514

Serviço social e educação [recurso eletrônico] : desafios do verbo esperançar / organização Adriana Freire Pereira Férriz ... [et al.]. - 1. ed. - Bauru [SP] : Ibero-Americana de Educação ; Cultura Acadêmica, 2024.
recurso digital ; 10 MB

Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-86839-35-7 (recurso eletrônico)

1. Educação - Aspectos sociais - Brasil. 2. Serviço social - Aspectos educacionais. 3. Pesquisa Educacional. 4. Politica Educacional. 5. Livros eletrônicos. I. Férriz, Adriana Freire Pereira.

24-95166

CDD: 379
CDU: 37:364(81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

14/11/2024 14/11/2024

DOI: 10.47519/EIAE.978-65-86839-35-7

Esta publicação recebeu financiamento: - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - Brasil. PAEP-CAPES - Programa de Apoio a Eventos no País - Processo: 88881.879611/2023-01; - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq - Chamada Universal - 18/2021 - Faixa - Grupos consolidados - Processo n. 407057/2021-8; - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) processo n. 2023/10930-7.

As opiniões, hipóteses, conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da CAPES, CNPq, FAPESP e dos PPGSS da UNESP, UERJ e UFBA.

Equipe Técnica
Editoração e organização

Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz
Editora Ibero-Americana de Educação
Editor

Alexander Vinicius Leite da Silva
Editora Ibero-Americana de Educação
Editor Adjunto Júnior

Déborah Crivellari
Editora Ibero-Americana de Educação
Editora e Revisora

Andressa Ciniciato
Editora Ibero-Americana de Educação
Assistente Editorial

Jonathan Teixeira
Editora Ibero-Americana de Educação
Designer, Capista e Diagramador

André Luís Cordeiro Lopes
Editora Ibero-Americana de Educação
Designer e Diagramador

André Vitor Gonçalves de Souza (MG)
Identidade Visual

Luma de Alencar Almeida (RJ)
Identidade Visual

Membros do Conselho Editorial

Editor

Dr. José Anderson Santos Cruz
FCLAr/Unesp

Editor Adjunto Jr.

Alexander Vinícius Leite da Silva
Unisagrado

Editores Associados

Arielly Kizzy Cunha
FAAC/Unesp

Carla Gorni
Centro Universitário UBM

Ivan Fortunato
Instituto Federal de São Paulo/Ufscar

Editora de Texto e Revisão

Déborah Crivellari
Unisagrado

Assistente Editorial

Andressa Ciniciato
Unisagrado

Editor Operacional

Flávio Moreira
UFSCar

Comitê Científico

Dra. Adriana Campani
UVA

Dr. Alfrâncio Ferreira Dias
UFS

Dra. Ana Paula Santana
UFSC

Me. Anaisa Alves de Moura
INTA - UNINTA

Dr. Ari Raimann
UFG

Dr. Breynner R. Oliveira
UFOP

Me. Caique Fernando da Silva Fistarol
FURB

Dra. Claudia Regina Mosca Giroto
Unesp

Dra. Cyntia Bailer
FURB

Dr. Eládio Sebastián Heredero
UFMS

Dra. Elisabete Cerutti
URI

Dr. Emerson Augusto de Medeiros
UFERSA

Dr. Fabiano Santos
UFMS

Dra. Fátima Elisabeth Denari
UFSCar

Dra. Helen Silveira Jardim de Oliveira
UFRJ

Dra. Iracema Campos Cusati
UPE

Dra. Kellcia Rezende Souza
UFGD

Dra. Leonor Paniago Rocha
UFJ

Dra. Liliane Parreira Tannus Gontijo
UFU

Dra. Maíra Darido da Cunha
FABE

Prof. Dr. Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel
UCP

Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
UCS

Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy
FCLAr (Unesp) – UFSCar

Dra. Marta Furlan de Oliveira
UEL

Dra. Marta Silene Ferreira de Barros
UEL

Dra. Mirlene Ferreira Macedo Damázio
UFGD

Dr. Osmar Hélio Araújo
UFPB

Dra. Rosebelly Nunes Marques
Esalq (USP)

Dra. Sandra Pottmeier
UFSC

Dr. Sebastião de Souza Lemes
FCLAr (Unesp)

Dra. Shirlei de Souza Corrêa
Uniavan

Dr. Washington Cesar Shoite Nozu
UFGD

Comitê Internacional

Dr. Sidclay Bezerra de Souza
Universidad Católica del Maule

Dr. João Carlos Relvão Caetano
Universidade Aberta

Dr. Marc Marie Luc Philippe Jacquinet
Universidade Aberta

NOTAS DO PUBLISHER

Na Editora Ibero-Americana de Educação, nosso compromisso com a excelência se reflete em cada etapa do processo editorial, sempre guiados pela missão de produzir obras que tragam resultados excepcionais e atendam de forma satisfatória tanto aos autores quanto aos leitores. A revisão desta obra foi um processo enriquecedor, que exigiu dedicação, sensibilidade e um olhar atento às complexidades que permeiam o campo da educação.

Este livro não apenas informa, mas também envolve e emociona. Em comparação com edições anteriores, ele representa um marco significativo nos debates sobre o exercício profissional no contexto das políticas educacionais, oferecendo uma nova perspectiva e reafirmando a importância de uma compreensão crítica e contextualizada das dinâmicas educacionais. Esperamos que os argumentos aqui apresentados incentivem o leitor a investir tempo e reflexão, mergulhando em diferentes realidades educacionais que, embora diversas, compartilham questões fundamentais e formam a dinâmica contraditória e transformadora da política educacional contemporânea.

Desejamos que esta obra inspire reflexão e ação, e que continue a promover diálogos produtivos e transformadores sobre a educação em nossa sociedade.

Boa leitura!

José Anderson Santos Cruz
Editor-chefe da Editora Ibero-Americana de Educação

SUMÁRIO

PARTE I - CONFERÊNCIAS DO III SEMINÁRIO INTERNACIONAL E VII FÓRUM DO SERVIÇO SOCIAL NA EDUCAÇÃO – GEPESSE 23

Capítulo 1 - TENDÊNCIAS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E INSERÇÃO DE ASSISTENTES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA NO BRASIL **24**

Por: Adriana Freire Pereira Férriz

Eliana Canteiro Bolorino Martins

Capítulo 2 - O RECONHECIMENTO DE ASSISTENTES SOCIAIS COMO PROFISSIONAIS DA E NA EDUCAÇÃO **42**

Por: Wagner Roberto do Amaral

Capítulo 3 - A ATUALIDADE E A RENOVAÇÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR: DIÁLOGOS COM O SERVIÇO SOCIAL **60**

Por: Eblin Farage

Capítulo 4 - ATUALIDADE E RENOVAÇÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR NO SERVIÇO SOCIAL: CINCO DESAFIOS NA ESFERA PARTICULAR DO FAZER PEDAGÓGICO **75**

Por: Carlos Felipe Nunes Moreira

Capítulo 5 - SERVIÇO SOCIAL E EDUCAÇÃO EM ANGOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PROFISSIONAL **86**

Por: Amor António Monteiro

Simão João Samba

Capítulo 6 - EL SISTEMA EDUCATIVO ARGENTINO. EL CASO DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES: EDUCACIÓN Y TRABAJO SOCIAL **97**

Por: Eliana Gricel Vasquez

Capítulo 7 - LIVROS E COLETÂNEAS LANÇADOS NO III SEMINÁRIO INTERNACIONAL E IV FÓRUM DE SERVIÇO SOCIAL NA EDUCAÇÃO DO GEPESSE (2023) **111**

PARTE II - DIMENSÃO SOCIOEDUCATIVA DO TRABALHO DOS ASSISTENTES SOCIAIS 120

Capítulo 1 - SERVIÇO SOCIAL E EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS PARA A PROMOÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS NO CONTEXTO NEOLIBERAL DO SÉCULO XXI **121**

Por: Rafael Gonçalves dos Santos
Eliana Bolorino Canteiro Martins
Yukari Yamauchi Moraes

Capítulo 2 - EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA E SERVIÇO SOCIAL **138**

Por: Paula Cunha Guimarães Batatel Belmonte Santana

Capítulo 3 - O ENTRELACE ENTRE A DIMENSÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA E O TRABALHO SOCIOEDUCATIVO NO SERVIÇO SOCIAL **157**

Por: Williana Angelo

Capítulo 4 - PAULO FREIRE E OSSABERES NECESSÁRIOS: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO NO SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS **177**

Por: Fernanda Andrade Garcia
Gustavo José de Toledo Pedroso

Capítulo 5 - EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS NA CIDADE DE GOIÁS: CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO ÉTICO POLÍTICO DO SERVIÇO SOCIAL NA LUTA ANTIRRACISTA **192**

Por: Edgar Antônio Nery Alves Camelo
George Francisco Ceolin
Tereza Cristina Pires Favaro

Capítulo 6 - A TRAJETÓRIA DO NÚCLEO DE MAPEAMENTO EARTICULAÇÃO EM RUPTURA - O SERVIÇO SOCIAL NA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA **209**

Por: Aline Miranda Cardoso
Arlene Vieira Trindade
Jéssica Oliveira Monteiro
Patricia Lima do Nascimento

PARTE III - EDUCAÇÃO BÁSICA.....222

Capítulo 1 - SERVIÇO SOCIAL E EDUCAÇÃO: ESTUDO INTERDISCIPLINAR **223**

Por: Elaine Cristina Estevam

Maria José de Oliveira Lima

Capítulo 2 - QUEM APRENDE COM FOME? POSSIBILIDADE DE ARTICULAÇÃO COM A REDE ATRAVÉS DO/A ASSISTENTE SOCIAL NA EDUCAÇÃO **237**

Por: Eduardo Lima

Maria Fernanda Avila Coffi

Ewerton da Silva Ferreira

Capítulo 3 - ASSISTENTE SOCIAL E A INTERLOCUÇÃO COM A CATEGORIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO: UM LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA **252**

Por: Amanda Bersacula

Zoia Prestes

Capítulo 4 - EDUCAÇÃO E ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS: UM OLHAR PARA A REALIDADE LONDRINENSE DURANTE O PERÍODO DE PANDEMIA (COVID-19) **270**

Por: Maria Gabriela Pereira da Silva

Ana Patrícia Pires Nalesso

Capítulo 5 - O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE – MG **286**

Por: Cristiano Costa de Carvalho

Eliana Bolorino Canteiro Martins

Eunice Paulo Chichava

Juliana Viegas Guimarães

Capítulo 6 - O SERVIÇO SOCIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE CAMPINA GRANDE COMO EXPRESSÃO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO NO ESTADO DA PARAÍBA 304

Por: André Monteiro Moraes
Edna Medeiros do Nascimento
Kivania Karla Silva Albuquerque Cunha
Maria Dolores Melo do Nascimento
Maria Noalda Ramalho

PARTE IV - EDUCAÇÃO ESPECIAL, EJA E MOVIMENTOS SOCIAIS EM EDUCAÇÃO 321

Capítulo 1 - EDUCAÇÃO COMO FORMA DE INTEGRAÇÃO LOCAL PARA AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES REFUGIADOS 322

Por: Flávia Pacheco Sanchez
Andreia Aparecida Reis de Carvalho Liporoni
Ariane Rego Paiva

Capítulo 2 - A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PARA MULHERES NEGRAS E A INCLUSÃO DIGITAL COMO FERRAMENTA EMANCIPATÓRIA 339

Por: Ana Laura Batista Marques
Maria Yumi Buzinelli Inaba

Capítulo 3 - DIÁLOGOS SOBRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO SUPERIOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA 354

Por: Fábia Halana Fonseca Rodrigues Pita
Maria Francisca Máximo Dantas
Thélia Priscilla Paiva de Azevedo

Capítulo 4 - EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E EDUCAÇÃO PERMANENTE: A CONTRIBUIÇÃO DO NÚCLEO DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (NSEPP-UERJ) 368

Por: Ney Luiz Teixeira de Almeida

Natália Ibiapino Proença

Edilene Rodrigues de Santana Silva

Brenda do Nascimento Gama

Yasmin Oliveira Burgos

Capítulo 5 - RACISMO E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A INFÂNCIA E JUVENTUDE NEGRAS NO BRASIL 384

Por: Adeildo Vila Nova

Capítulo 6 - EDUCAÇÃO DO CAMPO: A RESISTÊNCIAEM PERMANENTE CONSTRUÇÃO 399

Por: Cleonilda Sabaini Thomazini Dallago

Marize Rauber Engelbrecht

Vantuir Trevisol

PARTE V - EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA 416

Capítulo 1 - PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA NO BRASIL: DA GÊNESE ATÉ A CRIAÇÃO DOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 417

Por: Yara Dias Fernandes

Capítulo 2 - POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: A SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL 434

Por: Lilian Aparecida Carneiro Oliveira

Lilian Perdigão Caixêta Reis

Emmanuella Aparecida Miranda

Capítulo 3 - AS TENDÊNCIAS DO TRABALHO NA POLÍTICA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E SUA RELAÇÃO COM A FORMA DE ORGANIZAÇÃO ESTATAL 447

Por: Débora Spotorno Moreira Machado Ferreira

Capítulo 4 - PAULO FREIRE: O INSPIRADOR DO ASSISTENTE SOCIAL QUE TRABALHA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA 465

Por: Nívia Barreto dos Anjos

Mariana Mendes Novais de Oliveira

Capítulo 5 - SAÚDE E BEM-ESTAR NO TRABALHO EM TEMPOS DE PANDEMIA: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE BEM COM A VIDA NO FORMATO ON-LINE 483

Por: Tatiana Pereira Sodré

Alexandra de Oliveira Rodrigues Marçulo

Wilma Moraes

Capítulo 6 - TENDÊNCIAS DO MUNDO DO TRABALHO: EXPRESSÕES DE UM *"MODUS OPERANDI"* NO LABOR DE ASSISTENTES SOCIAIS NOS IFETs 501

Por: Lígia da Nóbrega Fernandes

PARTE VI - ENSINO SUPERIOR 519

Capítulo 1 - ALÉM DA EQUIDADE: O ENGAJAMENTO DO SERVIÇO SOCIAL NAS POLÍTICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA INDÍGENA NO ENSINO SUPERIOR: REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DA UNICAMP 520

Por: Vanilda Soares Santos

Cibele Papa Palmeira

Vanessa Tank Piccirillo Komesu

Franciana Nogueira Correa

Sônia Maria Pereira

Capítulo 2 - O TRABALHO DAS (OS) ASSISTENTES SOCIAIS NA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA **534**

Por: Joelma Mendes dos Santos

Capítulo 3 - A ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL (AE) NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS (IFES): UMA ARTICULAÇÃO ENTRE DIREITOS HUMANOS (DH) E POLÍTICAS SOCIAIS (PS) PARA EFETIVAÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO **550**

Por: Célia Maria Grandini Albiero

Maísa Miralva da Silva

Ricardo Barbosa de Lima

Capítulo 4 - RELATO DE EXPERIÊNCIA - O TRABALHO DO(A) PROFISSIONAL ASSISTENTE SOCIAL NA UFPR: AÇÕES AFIRMATIVAS EM FOCO **567**

Por: Ivanice de Oliveira Candido Neres

Jaqueline Budny

Cleonilda Sabaini Thomazini Dallago

Capítulo 5 - INDICADORES SOCIAIS E ANÁLISE SOCIOECONÔMICA: UM ESTUDO SOBRE A ATUAÇÃO DO(A) ASSISTENTE SOCIAL NA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA **584**

Por: Merielle Martins Alves

Clara Rodrigues da Cunha Oliveira

Capítulo 6 - A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À UNIVERSIDADE PÚBLICA: MIGRAÇÃO, PERMANÊNCIA E OS FATORES SIMBÓLICOS NAS TRAJETÓRIAS ESTUDANTIS **599**

Por: Fernanda Rodrigues Arrais

Capítulo 5

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA CIDADE DE GOIÁS: CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO ÉTICO POLÍTICO DO SERVIÇO SOCIAL NA LUTA ANTIRRACISTA

Por:
Edgar Antônio Nery Alves Camelo
George Francisco Ceolin
Tereza Cristina Pires Favaro

Edgar Antônio Nery Alves Camelo[16]
George Francisco Ceolin[17]
Tereza Cristina Pires Favaro[18]

https://doi.org/10.47519/eiae.p2c5

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato de experiência de um projeto de extensão que se justificou diante da necessidade de se enfrentar as opressões de raça e etnia na sociabilidade capitalista, ao passo que se constrói uma postura propositiva e interventiva de luta antirrascista. As reflexões egendradas referem-se ao que antigamente a categoria chamava de transversalidade da questão social e que estão inseridas materialmente nas relações sociais e na divisão social, racial e étnica do mundo de trabalho. Esse asunto é permeado por contradições na medida que são as categorias - raça e etnia - que carecem de aprofundamento para se consolidar a luta antirracista principalmente no processo de formação do assistente social.

A intervenção do Assistente Social implica diretamente em compreender as contradições das relações sociais de raça, classe, etnia e gênero. Nos últimos anos, principalmentte no contexto de pandemia do COVID -19, observamos que a sociabilidade brasileira sofreu o impacto frente ao avanço reacionário de um governo afinizado com a barbárie; sobretudo, no que se referem às violências que os povos originários sofreram nos anos de governo Bolsonaro. Foram os segmentos étnicos, como os quilombolas e os indígenas, as periferias e o povo preto, que tiveram as suas vidas ceifadas pelo avanço de todas as formas de preconceito, agudizados por omissão de políticas públicas de governo.

Nesse contexto, consideramos fundamental refletir com os estudantes de graduação de Serviço Social a formação social e histórica brasileira e os impactos que o racismo estrutural e institucional produzem, como nos ensina Almeida (2019); compreendendo como a sociedade reproduz esse tipo de racismo.

Neste artigo evidenciamos uma atividade extencionista que desenvolvemos com os estudantes do campus Goiás, mais especificamente do Serviço Social. Na ocasião, a qual discorremos ao longo do artigo, refletimos sobre a importância da luta antirracista; lutas estas que perpassam a formação social e histórica da população da cidade de Goiás que, ao longo dos seus 297 anos, resistiu ao apagamento da cultura, da memória da diáspora africana, cujo racismo estrutural eurocêntrico, impregnado na cultura do centro-oeste goiano e espraiado pelo Brasil buscou apagar.

Goiás é uma cidade que carrega o mesmo nome do seu estado, possui título de Patrimônio Histórico da Humanidade, e seus traços culturais e arquitetônicos ainda refletem o passado colonial e o histórico da luta política do quilombo. Como encontramos em Clóvis Moura (2023, p.55), “a sociedade do modelo capitalista dependente, que substituiu a de escravismo colonial, consegue apresentar o problema do negro no Brasil sem ligá-lo ou ligando-o insatisfatoriamente às suas raizes”.

Nesse sentido, buscamos compreender a raiz da cultura afro-diaspórica por meio de um projeto de extensão, entendendo que, falar de mémoria é resgatar o passado das lutas políticas. Ademais, falar da memória do quilombo é entender a forma de organização e aglutinação política historicamente determinada no Brasil como o exemplo de Palmares. O quilombo e o terreiro foram a expressão da resistência nos 400 anos de colonialidade europeia; é no terreiro e na quilombagem que estão registradas a história de radicalidade da luta antirracista, do inconformismo com a escravidão e de seus desdobramentos sóciohistóricos. Situar o povo preto a partir da identidade racial, da memória, da cultura afro diaspórica é um movimento político.

Conforme Moura (2023, p. 56), "o negro, durante a escravidão, lutou como escravo por objetivos próprios. Mas lutou, também, em movimentos organizados por outros segmentos sociais e políticos". Todavia, esse autor evidencia a necessidade de entender que essa luta é um processo mais complexo do que o que foi convencionado pelos cientistas sociais, como um simples problema de classe. "Olhando o negro brasileiro sem ter estudado o seu comportamento no passado, (...) mitificam grande parte da nossa história social, desvalorizam fatos como Palmares e a constante insurreição negra" (Moura, 2023, p. 57).

Portanto, na cidade de Goiás, a universidade promoveu uma interlocução dando voz ao quilombo, de quem de fato guarda a memória das lutas travadas no passado colonial. A Universidade Federal de Goiás, por meio do seu projeto de extensão, oportunizou um espaço de reflexão, da memória polítca do quilombo, do terreiro e de suas expressões culturais. Assim, o movimento que percorremos foi do quilombo para a Universidade e não o seu contrário. Foram manifestações culturais que contaram sobre as lutas do passado e os desafios do cotidiano que o racismo estrutural ainda produz.

Sendo assim, buscamos por meio das ações da extensão contribuir com a consolidação da luta antirracista na cidade de Goiás e com o protagonismo do quilombo. Essa atividade partiu de uma demanda dos alunos indígenas e quilombolas, em parceria com a Prefeitura municipal e com movimentos sociais e culturais da cidade. As percepções empreendidas na extensão universitária intitulada - Serviço Social e Relações Étnico raciais da Universidade Federal de Goiás/Campus Goiás - reverberaram na aprendizagem e na consolidação de um projeto de resistência e luta antirracistas.

Neste texto relatamos, especificamente, uma das ações de extensão. Trata-se da primeira atividade de um projeto que teve duração de um ano que se somaram a outras atividades. A opção pelo relato de experiência da primeira atividade se dá pelo fato de que o momento foi de intregração e de escuta dos povos quilombolas e indígenas e, ainda, do protagonismo de pesquisadores do movimento negro unificado de Goiás, que se somaram a esse processo de interação social, estudantes predominantemente do Serviço Social e de outos cursos de gaduação, bem como de pesquisadores do movimento negro unificado de Estado de Goiás.

Ressaltamos que esta reflexão partiu de um lócus, de um lugar cujas diretrizes éticas são fruto do acúmulo profissional e que norteiam a prática e a formação em Serviço Social, tanto a educação quanto a operacionalização da prática do Serviço Social; é resultado histórico, crítico e dialético diante das múltiplas expressões da questão social.

Portanto, consideramos que as Diretrizes da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social contribuem na medida que:

> As estratégias e técnicas de operacionalização devem estar articuladas aos referenciais teórico-críticos, buscando trabalhar situações da realidade como fundamentos da intervenção. As situações são dinâmicas e dizem respeito à relação entre assistente social e usuário frente à questão social. As estratégias são, pois, mediações complexas que implicam articulações entre as trajetórias pessoais, os ciclos de vida, as condições sociais dos sujeitos envolvidos para fortalecê-los e contribuir para a solução de seus problemas/questões (ABEPSS, 1996, p.14).

Isto posto, ao desenvolvermos uma reflexão no âmbito educacional é necessário pensar como a prática profissional se regulamenta para garantir políticas socais e públicas e poder efetivamente intervir ou mediar as categorias sociais contidas no direcionamento político para quem dela necessita. Assim, este trabalho foi permeado pelas seguintes questões: como a atividade do trabalho profissional e as questões de raça, etnia e suas interseccionalidades carecem de atenção para as políticas afirmativas entre outras políticas sociais e públicas? Como nas questões referentes ao preconceito racial, na formação social histórica do Brasil, ainda prevalece a reprodução do racismo estrutural e institucional, racismo recreativo e inúmeras outras formas de opressão racial, que surgem para o Assistente Social como expressão da questão social uma vez que produz inúmeras violências interseccionadas de gênero, sexualidade e etnia?

Este texto está dividido em quatro partes, além da introdução e considerações finais: Para uma compreensão do Serviço Social na luta antirracista; metodologia; Serviço Social e relações étnico raciais; resultados e discussão.

PARA UMA COMPREENSÃO DO SERVIÇO SOCIAL NA LUTA ANTIRRACISTA

Tendo em vista que o Serviço Social é uma profissão inscrita na divisão social e técnica do trabalho, como evidenciam Iamamoto e Carvalho (2014), consideramos importante entender a dinâmica social e os processos de mediação do trabalho frente às particularidades da sociabilidade que estão engendradas por fortes preconceitos do passado, resultado de uma colonialidade eurocêntrica, que é fundamental enfrentar e combater nos dias de hoje e cuja a intolerância e as polarizações se agudizaram com o protofascismo da crescente extrema direita brasileira.

Neste relato partimos de constatações que são as relações sociais materialmente determinadas pelo contexto sócio - histórico de formação social brasileira, do empreendimento colonial que usou da mão de obra escrava de africanos e indígenas para construir, muito além de forças produtivas, mas consolidar o acúmulo capitalista de forma primitiva, consolidando nno Brasil uma economia dependente.

Marx e Engels (2007) mostram como é importante, do ponto de vista do olhar teóricometodológico, partir de bases reais concretas que permeiam nossa sociabilidade. Sendo assim, um olhar para as contradições tanto mais dialéticas do fenômeno, quanto para a

história da formação social brasileira nos permite compreender para além da consolidação do modo de produção capitalista e de seu monopólio, entendendo também como foram estruturadas as inúmeras formas de opressão. Segundo Musto:

> Certamente, a análise de Marx sobre a classe trabalhadora precisa de ser reformulada, uma vez que foi desenvolvida na observação de uma forma diferente de capitalismo. Se as respostas para muitos dos nossos problemas contemporâneos não podem ser encontradas em Marx, ele centra, no entanto, as questões essenciais. Penso que esta é a sua maior contribuição hoje: ele nos ajuda a fazer as perguntas certas, a identificar as principais contradições. Isso não me parece pouca coisa. Marx ainda tem muito a nos ensinar. A sua elaboração contribui para compreendermos melhor o quão indispensável ele é para traçar uma alternativa ao capitalismo — hoje, ainda mais urgentemente do que no seu tempo (Musto, 2024, s.p.).

Diante dessas considerações, destacamos que, ao desenvolver as reflexões ora empreenidas, acreditamos que a teoria marxiana tem contribuido para uma crítica do impacto do colonialismo na formação social brasileira, que ainda reverbera na forma de racismo. Uma vez que sua crítica parte das relações sociais do modo de produção capitalista, revelou uma alternativa política que, em tese, considerava destituir as fomas de opressão, interseccionadas de gênero, etnia, raça e classe social, ao passo que organiza uma nova forma de relação social para além do capital.

E, como consequência desse processo de formação social do Brasil, a consolidação dos monopólios, evidencia-se o racismo estrutural como base na organização social de produção e economia dependente, em que pessoas retintas ainda são a maioria exploradas e oprimidas, além de acometidas pelos tantos preconceitos. Desse modo, a memória da luta política, não é uma abstração, falamos de objetividade da vida e da história do Brasil, e da qual refletem, ainda hoje, no cotidiano de brasileiros a partir de inúmeras violências:

> Os pressupostos de que partimos não são pressupostos arbitrários, dogmas; mas pressupostos reais, de que só se pode abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles encontradas como as produzidas por sua própria ação. Esses pressupostos são, portanto, constatáveis por via puramente empírica (Marx; Engels, 2007, p.86).

Consideramos premissas que são reais e que estão determinadas nas relações sociais que incidem na mediação do trabalho do Assistente Social; isto é, das relações que os marcadores sociais sobre raça, etnia, gênero e classe, revelam; de inúmeros processos de violência social, exclusão e materializadas na forma de racismo. Portanto, estudar as relações étnico raciais na sociabilidade capitalista é buscar garantias para a regulamentação de políticas, leis, nos seus diversos marcos legais, unindo as atribuições e competências profissionais ético-políticas nas garantias de direito, mas também para contribuir para uma cultura política de radicalidade que se possa lançar no enfrentamento da questão social produzida pela sociabilidade capitalista ainda permeada de racismo.

Ao promovermos o debate étnico racial utilizando o código de ética, oferecemos subsídios para Assistentes Sociais, em formação, enfrentarem as formas de opressão e dominação na sociabilidade capitalista, ao passo que promovemos o debate político aglutinando força política antirracista. Assim, buscamos compreender como a expressão da questão social é centrada nas diferentes formas de opressão e de racismo estrutural, que produz e reproduz uma economia dependente, centrada na exploração do trabalho próprias da consolidação do empreendimento colonial e suas determinações históricas.

Entendemos que o racismo estrutural, conforme Almeida (2019), se trata de uma expressão que aborda esse processo de formação social, e que sua complexidade atinge várias dimensões da vida, podendo também recair em pessoas que não necessariamente são retintas, mas racializadas pelo imaginário rascista como a religião, ou por algum fenótipo, até contidos nos elementos da cultura afro-diaspórica como a música, as estampas, a arte, a roupa, assim como acontecem com as pessoas praticantes da capoeira, por exemplo.

Tais aproximações com a cultura africana em interação na sociedade revelam, em maior ou menor grau, um racismo estrutural próprio da reprodução social e cultural da qual o capitalismo se consolidou utilizando como seu alicerce o proconceito étnico, racial para sedimentar o seu estado capitalista burguês.

Portanto, é a partir destas constatações históricas, sociais e culturais, que manifestam o racismo e que a colonização do Brasil pelos portugueses e espanhóis tem grande responsabilidade, que percebemos a necessidade de se trabalhar com as demandas específicas que se colocam frente à intervenção profissional, como no caso de uma formação antirracista. A formação antirracista é uma urgência no Brasil, e o Serviço Social brasileiro tem buscado adequar com o conjunto de representações da profissão, a interlocução para consolidar uma formação antirracista.

Foi desta forma que consideramos necessário criar um projeto de extensão universitária para trabalharmos: a formação social e cultural do país no que tange ao racismo e refletir sobre os desafios de enfrentar a estrutura que perdura desde os tempos de colonização brasileira; pensar como o modo de produção impacta e tem impactado o cotidiano.

No âmbito da universidade, buscamos ouvir as demandas de raça e etnia sob a perspectiva da realidade social local da cidade de Goiás, cidade esta que tem engendrado na sua cultura inúmeras tradições, do processo sociocultural, como a cultura indígena, europeia, africana. É necessário ressaltar que, hoje, a cidade de Goiás encontra-se com um grande número de imigrantes indígenas, que foram para a cidade estudar, e que o quilombo do Auto Santana foi reconhecido recentemente, em 2017, e foi certificada pela Fundação Palmares, como remanescente de quilombo, passando por um processo de aglutinação de força política elegendo a primeira Vereadora Negra[1] dos 297 anos da cidade em um processo que podemos considerar ser um processo de quilombagem[2] conforme Moura (2023); e, não obstante de

1 https://camaragoias.go.gov.br/vereador/elenizia-da-mata-de-jesus/

2 Luta radical antirracista, contra opressão ao povo preto, do qual Palmares é expressão real e histórica. [6] O quilombismo tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo e/ou ujamaaísmo da tradição africana. (...) Quilombismo se conjugam aos mecanismos operativos do sistema, articulando os diversos níveis da vida coletiva cuja a dialética interação propõe e assegura a realização completa do ser humano (Nascimento, 1980, p. 264).

quilombismo6 como Abdias do Nascimento (1980), ou de aquilombamento[3] como nos ensina Beartiz Nascimento (2006).

Não pretendemos no curto espaço deste artigo expressar e esmiuçar as singularidades desses conceitos para cada autor, mas trazer a convergência de que a articulação negra utiliza da mémoria da cultura afro-diaspórica como um processo de aglutinação, politização e de práxis política, registrada na história e nos dias de hoje, seja formando o quilombo ou na inconformidade com as opressões e na radicalidade de ser movimento de resistência.

Entre as ruas de pedras desta cidade histórica e patrimonialista, que foram construídas por muitas mãos, dentre elas, do trabalho das mãos pretas, mais que produzir materialmente a cidade, produziram e reproduziram a cultura e espiritualidade, a arte manifestadas nas congadas, grupos de jongos, capoeira e candomblé, entre outros aspectos, perduram e resistem na cidade enfrentando o racismo. Uma cidade que contrasta sua cultura com os monumentos arquitetônicos da colonialidade europeia.

A igreja católica de Nossa Senhora do Rosário, onde foi realizada nossa primeira atividade de extensão, hoje traz na sua arquitetura o símbolo da cultura europeia nos seus traços e linhas neogóticas. Essa Igreja, no passado, apresentava uma estrutura com características barrocas e, em seus primeiros anos, trazia o nome de Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, haja vista que abrigadava as celebrações de pessoas escravizadas antes da libertação.

Na cidade de Goiás, patrimônio histórico, o chão é um traço marcante. Lá encontramse, enfileiradas, as pedras postas por mãos trabalhadoras de pessoas que foram escravizadas, revelando a contradição histórica do passado. Seus casarios levam fama de serem edificados por portugueses colonizadores, mas foi o trabalho escravo que levantou esse patrimônio histórico cultural da humanidade. O passado em Goiás tem a tônica de uma violência colonial, de um apagamento da história da cultura africana que por muitos anos perdurou. Hoje, a cidade de Goiás, é conhecida mundialmente como Goiás velho (colônia portuguesa), mas a história dessa colônia que não contaram é que ela respira resistência até os dias de hoje, frente à tentativa de etnocídio e apagamento da história da cultura africana, indígena, contidas como expressão de nossa cultura.

Atualmento, o quilombo de Goiás vive, pois foi reconhecido por historiadores e pelo poder público de uma cidade que se aquilombou por aqueles que guardaram a tradição africana. Assim, a cultura africana ainda pulsa nas "veias" desta cidade, com seus descendentes e sua relação com a ancestralidade, com a arte, a cultura e a espiritualidade manifestada nos terreiros. É um contínuo processo de enfrentamento do racismo que resistiu ao tempo de uma chacina cultural em que a violência impactou muito além do que seus corpos, mas também, a espiritualidade e a cultura do povo ancestral que passou por muitas tentativas de apagamento por meio da violência colonial; e que, resistindo, nos mostra a importância de uma alternativa anticapitalista e antirracista.

A ancestralidade e as relações étnico-raciais, na cidade de Goiás, está espraiada nas múltiplas formas de expressão artística e cultural. O reconhecimento de seu quilombo (do

3 Aquilombar-se é o movimento de buscar o quilombo, formar o quilombo, tornar-se quilombo.

auto Santana) deu respiro à cultura a voltar-se para o trabalho político, que o processo de aquilombamento trouxe e isso compete na consolidação da luta antirracista.

A título de exemplo, temos inúmeras expressões da resistência da diversidade e da cultura, como os grupos de capoeira, de samba de roda e de roda de samba, que voltaram a produzir música e alegria. Temos os terreiros de candomblé e umbanda que não carecem de se esconderem mais. Os indígenas, imigrantes de outras regiões do país, andam às ruas de Goiás e voltaram a se banharem nos rios.

Foram esses aspectos que nos fizeram considerar a importância do debate étnico racial na cidade de Goiás, porque, na medida em que reaparecem as diversidades socioculturais, encontramos um momento político em que se acirravam também as lutas sociais, frente à ascensão de um governo reacionário, racista e autoritário que atacou indiscriminadamente os povos indígenas e quilombolas, seja no âmbito das demarcações de terras, ou nos ataques às políticas afirmativas, ou reproduzindo ódio e racismo.

Quando iniciamos a extensão universitária sobre Serviço Social e Relações Étnico-Raciais, consideramos importante compreender as contradições que se apresentavam para esta cidade histórica. Nesse sentido, escolhemos a igreja que no passado levou o nome dos pretos (Igreja Nossa Senhor do Rosário do Pretos), pois ali encontramos um ambiente histórico cultural ideal para debater o passado e o presente e as contradições e demandas que se impõem para a profissão, tanto para o poder público local, que precisava operar e acolher os indígenas, quanto, para pensarmos a formação em Serviço Social.

No dia 29 de julho de 2022 iniciamos as atividades do projeto de extensão - Serviço Social e Relações Étnico-Raciais - com a primeira ação extensionista cuja cidade encontravase na busca de entender as demandas que se apresentavam frente ao grande número de indígenas advindo de aldeias de estados próximos, como os indígenas Xavante do Mato Grosso, que vieram para a cidade de Goiás para estudar nas escolas públicas. Outrossim, tínhamos duas alunas de graduação da UFG/RG, quilombolas da Região de Cavalcante e duas alunas indígenas Xakriabas da Região de Minas Gerais. Consideramos importante registrar esses aspectos por se tratar de um momento de muita riqueza cultural e aprendizagem para a atividade extencionista, para a comunidade local e para os graduandos de Serviço Social de Goiás.

Evidenciamos que o objetivo transcendeu à expectativa da formação acadêmica de profissionais do Serviço Social, pois sentimos a força dos atabaques em um momento de celebração e festa, com a dança e o afeto negro, nas músicas do Grupo de Jongo Malungos de Angola, acompanhado da roda de capoeira do grupo Meninos de Angola, e da participação do Movimento Negro Unificado, dos quilombolas locais, e vários indígenas que compareceram e coloriram nosso evento, promovendo uma energia renovadora.

Na busca da consolidação da formação e das competências e atribuições profissionais, o debate e as reflexões que trouxemos foram amplas e representativas, na medida que tivemos a participação de um pesquisador e palestrante do Serviço Social, que pesquisa relações étnico raciais, Tales Fornazier (PUC-SP, UFVJ), e, que compôs a mesa com outros dois pesquisadores: a doutoranda e antropóloga Yordanna Lara (UFG), e o pesquisador mestre em ciência da Matemática Zambi Lumumba (UFG), ambos pesquisadores são do

movimento Negro Unificado, tivemos ainda a mediação da aluna egressa quilombola e Assistente Social - Sara Ribeiro.

Essa extensão universitária teve como objetivo o diálogo ampliado com a comunidade local, alunos e instituição, e nossa atividade se consolidou nesses termos. A prefeitura municipal de Goiás (Gestão/2020-2024), que na figura da então Secretária Iolanda Aquino (Secretaria da Mulher, Juventude, Igualdade Racial e direitos humanos) mobilizou os profissionais e a logística necessária para que o evento fosse realizado na Igreja Católica de Nossa Senhora do Rosário, bem como, com os movimentos culturais da cidade de Goiás, como o Grupo de Jongo Malungo de Angola o coletivo percussionista Comuna que Pariu, além do já referido grupo de capoeira Meninos de Angola, que tinha o protagonismo do aluno Ronaldo Oliveira, o qual destacava-se por ser liderança de educação popular antirracista e produtor de cultura afro diaspórica, naquele período, graduando em Serviço Social e agora aluno egresso.

Portanto, ao desenvolvermos a mediação do trabalho do Assistente Social e a sua característica propositiva investigativa e interventiva, foi possível trabalhar e refletir com todo um espectro de pessoas preocupadas em atuar no enfrentamento das expressões da questão social referentes à raça e etnia e do racismo estrutural e institucional que paulatinamente acomete nossa sociabilidade.

Nossa contribuição, aqui expressa e descrita, se dá a partir do relato de uma ação do projeto de extensão que buscou o protagonismo de discentes e docentes, comunidade e instituições, movimentos sociais e culturais, para debater sobre um problema do cotidiano, materialmente determinado que é o racismo, e do qual foi possível permear reflexões ampliadas e aglutinar o diálogo com as várias dimensões da sociabilidade vilaboense.

Refletimos sobre a importância de partir da mediação do trabalho, via políticas sociais e públicas, marcos regulatórios e leis, subsídios do poder público municipal, para enfrentar as formas de opressão como o racismo estrutural e intervir na realidade étnica, racial e cultural da cidade de Goiás.

Imagem 01 – Grupo Malungos de Angola e Coletivo Comuna Que Pariu no pátio da Igreja do Nossa Senhora do Rosário – 1º atividade do projeto de extensão.



Fonte: Arquivo pessoal dos pesquisadores

O objetivo geral desta ação de extensão universitária foi de: empreender estudos, reflexões e análises das categorias – raça/etnia para o Serviço Social – a fim de apropriar dos princípios éticos, teóricos e políticos requeridos na consolidação do Projeto Ético-Político Profissional do Serviço Social e buscar uma formação antirracista. Os objetivos específicos foram: apropriar do debate e reflexão do Serviço Social e da relação étnico-racial para a categoria de profissionais em formação permanente e continuada; compreender sobre as políticas afirmativas e os desafios para a emancipação da categoria de trabalhadores permeados pela relação étnico-racial; identificar a perspectiva teórico-metodológica para o desenvolvimento do debate racial no Serviço Social, sobretudo, para o curso de Serviço Social da UFG; refletir sobre o projeto ético-político profissional no que se referem às políticas afirmativas e os impactos para a divisão racial do trabalho.

Nesta extensão desenvolvemos outras atividades as quais fogem do objetivo desse trabalho mas que cabe sinalizar: o curso de formação para gestores da Prefeitura Municipal de Goiás com a finalidade de subsidiar e instrumentalizar os gestores conforme a legislação racial do país no combate ao racismo institucional.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como procedimento metódológico, trata-se de um relato de experiência, da qual descrevemos a primeira ação do projeto de extensão universitária, sobre, relações étnico raciais na Cidade de Goiás, e que foram organizadas para ampliar o debate étnico racial nesta região, em um formato dialógico, propenso a interlocussão com os povos originários e quilombola. A partir de mesas redondas e reflexão, e por meio das quais realizamos capacitação para formação de profissionais e estudantes do Serviço Social da UFG, comunidade acadêmica, para uma luta antirracista.

A ação nos permtiu ampliar a formação para o protagonismo de parte da sociedade civil, engajada com o Movimento Cultural Afro-brasileiro, juntamente com a participação do poder público municipal, mediante a parceria da Prefeitura Municipal de Goiás por meio da então Secretaria da Mulheres, Juventude, Igualdade Racial e Direitos Humanos.

A primeira ação desta extensão foi a Mesa de Abertura realizada no dia 29/07/2022 sob a direção da UFG/Regional Goiás, Coordenação do Curso de Serviço Social UFG/Regional Goiás e as seguintes entidades representativas – Centro Acadêmico Carlos Marighella, e CRESS 19ª Região -, Prefeitura Municipal de Goiás, Grupo de Jongo Malungos de angola, Grupo de capoeira Meninos de Angola, coletivo percussionista Comuna que Pariu. O tema da abertura foi - Serviço Social e Relação Étnico Racial.

A execução da primeira mesa redonda de debates foi muito profícua, uma vez que os participantes colaboraram para subsidiar e referendar questões relativas aos princípios - ético, teóricos e políticos - que orientam o protejo ético político da profissão de Serviço Social, bem como, referente às políticas afirmativas. Contamos com a abertura cultural do Grupo de Jongo, Malungos de Angola, bem como, do Coletivo Comuna que Pariu, que abriu com os sons dos atabaques, fazendo da apresentação referência lúdica à cultura africana, a qual possibilitou iniciar a partir da referência do pertencimento de ancestralidade da África como construtora de uma cultura que tem suas especificidades.

Durante as apresentações culturais, reflexões e debates empreendidos acerca das políticas sociais e públicas no enfrentamento do racismo estrutural, percebemos a atmosfera da cultura ancestral, que vibrava ao som dos atabaques e dos cânticos de Jongo. Consideramos essa primeira atividade importante e simbólica, pois em uma perspectiva material da vida foi possível ver a cultura, sobretudo, daqueles que mantiveram as tradições africanas, ocupar novamente aquele lugar (Igreja do Nossa Senhora do Rosário, antigo santuário para os descendentes africanos), na semana em que se comemorou o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha.

Há um simbolismo na atividade e na escolha do local: essa igreja foi construída pela Irmandade Negra de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e, depois em um processo de genocídio cultural, silenciamento e apagamento da história ancestral africana, foi demolida para dar lugar a uma construção de uma igreja neogótica. Falar sobre essa temática, naquele espaço, foi para a cultura do quilombo que ali estava, uma forma de reverenciar quem veio antes e quem resistiu de todas as maneiras construindo a história de Goiás a poesia da cultura ancestral.

A exposição do conteúdo no formato de mesa redonda foi iniciada a partir do afrocentrismo, perspectiva proferida pelo pesquisador da UFG Zambi Lumumba, que compreende o conhecimento científico como tendo origem no continente Africano, sendo a filosofia a medicina derivadas do Egito. Foram abordadas também, pela pesquisadora e antropóloga da UFG - Yordanna Lara, questões referentes ao colonialismo europeu que no Brasil implicam diretamente sobre as relações étnico raciais, da qual é sentido nos corpos retintos as implicações desse processo.

Para o encerramento da mesa de abertura, o pesquisador do Serviço Social da PUC/SP, Tales Fornazier, apresentou marcos legais, contidos na legislação para o enfrentamento do racismo estrutural. Nesse sentido, encerramos a abertura da extensão com o olhar voltado

para a formação em Serviço Social, na dimensão ético-política e uma fala direcionada para a categoria do Serviço Social.

Além dessa primeira atividade relacionada à extensão universitária, realizamos outras ações as quais não conseguiremos narrar no espaço deste trabalho; mas que também foram muito importantes no sentido de promover debates fundamentais à formação social. Assim, outros momentos, nos quais percebemos a efetividade de se trabalhar com a questão étnico racial, e como a sociedade, os movimentos sociais e populares, principalmente envolvidos com a cultura se engajam no enfrentamento do racismo estrutural.

SERVIÇO SOCIAL E RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS

Para delinear esta extensão fundamentamos nossas reflexões em autores que são bases para o Serviço Social. Desse modo, apresentamos o debate étnico-racial, tanto para a formação e para o trabalho profissional, quanto para colaborar com a sociabilidade da cidade de Goiás. Refletimos sobre as potencialidades e desafios emergentes para as orientações das entidades representativas. Para isso, nosso referencial teórico partiu da reflexão da tradição marxista, que tem no próprio Marx a heurística para a compreensão das contradições no interior da vida social.

Dentre os autores consultados, ressaltamos a importância das considerações de Clóvis Moura (1923-2003), que inaugura uma reflexão sobre a luta política e antirracista no Brasil, por uma perspectiva de radicalidade, mostrando os fatos da história brasileira e que as lutas de classe possuem singuaridades e complexidades nesta dimensão. Conforme esse autor, a complexidade de raça foi permeada por inúmeros atravessamentos, trazendo para o âmbito acadêmico uma importante contribuição para compreendermos a formação social e histórica brasileira centrando a luta política afrodiaspórica.

No que se refere ao modo de produção e reprodução da questão social, utilizamos como aporte teórico as concepções de Netto (2001), que destaca a importância de se construir mediações, no que antigamente convencionou-se a chamarmos de transversalidade, isto é, acerca do debate das questões de gênero, raça, etnia e identidades. Hoje deixamos de utilizar a questão do racismo como sinônimo de transversalidade, pois só podemos combater as opressões, chamando-as pelos seus nomes. São violências objetivas como racismo, machismo, homofobia e sexismo, entre outras formas de opressão, que estão determinadas na formação social brasielria e que possui uma história, particularidades e singularidades que se somam à opressão de classe pelo capital que precisamos enfrentar. Assim, compreender como a tradição marxista pode contribuir na medida que circunscreve-se como instrumento de análise da realidade social, em uma dialética e contradição do processo de formação sócio-histórica, nos oportuniza enfrentamentos às múltiplas expressões da questão social além do racismo.

Os conceitos de interseccionalidade, contidos na obra de Karla Akotirene (2018), de Djamila Ribeiro (2017), a partir dos desdobramentos de Crenshaw (2002)[4] também per-

4 Versão traduzida. A versão original deste documento, intitulado "Background Paper for the Expert Meeting on Gender Related Aspects of Race Discrimination". Texto original pode ser encontrado no endereço na página: www,wuceh,addr,cin/wcar_docs/crenshaw.html. A versão em português pode ser acessada no en-dereço: https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt.

mearam as reflexões, entendendo como categorias de análise como estas oportunizam compreender os marcadores sociais e as formas de opressão que perpassam pela sexualidade, a etnia, a raça e as questões de gênero e classe. Tais questões foram objeto de estudo e análise desta extensão universitária e são importantes para refletir e denunciar os desdobramentos do colonialismo nos dias de hoje.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio desse projeto de extensão buscamos fortalecer os estudos, as reflexões e as análises da compreensão das relações de raça e etnia para o Serviço Social. Isso foi desenvolvido a partir do aprimoramento ético, teórico e político requeridos e orientados pelo conjunto CEFESS - CRESS para a formação e consolidação do Projeto Ético- Político Profissional do Serviço Social frente à luta antirracista como nos ensina Moreira (2019).

Não obstante, consideramos a importância de se trabalhar as questões que no passado chamávamos de transversalidades da questão social, como expressão da questão social contidas nas relações étnico-raciais, criando processos de mediações e enfrentamento na perspectiva ético-política ao racismo estrutural.

> [...] é preciso evidenciar que a questão étnico-racial é tão histórica quanto atual, o que demonstra a necessidade de ser investigada e analisada na formação em Serviço Social. Para além do racismo sofrido pela população racializada, é fundamental evidenciar a ideologia e ações da branquitude e as manifestações da brancura, bem como seus desdobramentos nas relações sociais brasileiras. Ou seja: como a questão étnico-racial em suas diversas manifestações, e não restrita a questão do/da sujeito negro, perpassa e impacta a profissão, a vida dos sujeitos racializados no país e continuam sendo mantidas e reatualizadas pela branquitude (Vieira, 2021, p. 17).

As considerações da autora estão em consonância com as diretrizes da ABEPSS no que se refere à formação e atuação em Serviço Social; especialmente no que se refere à curricularização da extensão, contidas na Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018, que estabelece as diretrizes para a Extensão na educação superior no Brasil e no seu quarto artigo determina que: "Art. 4º As atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos" (Brasil, 2018).

Desse modo, acreditamos que a Educação Superior Brasileira possa se ocupar dessa temática também em projetos de extensão para contribuir com a formação de futuros Assistentes Sociais e promover o debate étnico racional para além do âmbito acadêmico, possibilitando a interlocução com o quilombo, com o terreiro, com as periferias e comunidade local.

Acreditamos ser possível, por meio de debates e reflexões, entender o processo histórico de radicalidade permeada em toda história nacional em que as tensões das opressões do racismo tiveram oposição do povos, sobretudo dos povos que guardam a memória afrodiaspórica, bem como, acreditamos na interlocução e na aglutinação política da força antirracista. Essa constatação vai de encontro ao artigo terceiro da mesma resolução que diz:

> Art. 3º A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (Brasil, 2018).

Portanto, trabalhar a memória e a ancestralidade é evocar o "espírito" político de uma relação que sempre foi tensionada por contradições e de resistência do povo preto, assim, desvelando a história a partir desta cultura de resistência antirracista com os ancestrais que estavam nas trincheiras de lutas, no seu processo de quilombagem. Essa forma de analisar a memória sob a perspectiva de Clóvis Moura (2023), não reduz a análise.

A luta de classe não está diluída no aspecto cultural; é, sobretudo, uma complexidade e contradição destas lutas de classes no Brasil. Nesse sentido, o quilombo consolidou o enfrentamento à opressão, negando sua condição de escravo. A cultura capitalista colonial se mostrou hegemônica no seu modo de organizar a vida material; todavia, sua hegemonia se fez a partir das opressões e violências raciais, de gênero e classe, própias do continente europeu.

Assim, a cultura afro-diaspórica não é um fragmento descolado de uma totalidade histórica, é um elemento material historicizado e que faz parte da história das lutas de classe, principalmente nos dias de hoje, em que o fascismo opera e do qual é necessário interseccionar as opressões, não para fragmentar a luta e a análise, mas para tencionar essa luta histórica.

Retomar a memória dos quilombos é articular o povo em uma práxis política que sempre existiu na diáspora africana, e que, nesse momento, enfrenta uma cultura política reacionária, que ataca os símbolos e as instituições da democracia. E, mesmo entendendo os limites da democracia burguesa do Estado do capital, é importante defender as conquistas políticas nesse marco porque, objetivamente, defendemos os corpos e uma cultura política que tenciona a opressão que hoje é manifestada por um ideário que pesquisadores têm convencionado chamar de proto-fascista. Nesse sentido, se essa tendência é uma reação facista aos valores democráticos e, portanto, chamamos de tendência reacionária, buscar essa interlocução com a memória política e cultural é formar para uma resistência aquilombada com todas as suas dimensões, subjetivas e objetivas, uma vez que a cultura africana sempre foi de coperação, afeto, partilha e resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar nossa extensão universitária contamos com a participação de profissionais do Serviço Social, com a comunidade acadêmica, estudantes do curso de Bacharelado em Serviço Social da UFG e, ainda, com parte da sociedade civil engajada no Movimento Cultural Afro-brasileiro localizado não apenas na Cidade de Goiás, mas também de populações de povos originários vindos de outros estados. Desse modo, vimos na primeira ação do projeto que as discussões acerca das relações étnico raciais são fundamentais não apenas para o aluno do curso de Serviço Social, mas para toda a comunidade vilaboense que tem em seu território um quilombo reconhecido e uma comunidade cultural afro-brasileira atuante.

Conforme relatamos anteriormente, a parceria com a Prefeitura Municipal de Goiás por meio da Secretaria da Mulheres, Juventude, Igualdade Racial e Direitos Humanos e a adesão da comunidade às ações desenvolvidas foram enriquecedoras, bem como balizadoras para um direcionamento ético de profissionais engajados com o enfrentamento da questão social numa luta antirracista.

Acreditamos que a extensão universitária cumpriu seu papel na medida que a educação étnico racial e a luta antirracista perpassou os muros da universidade e foi possível dialogar com a sociabilidade vilaboense e movimentos envolvidos nas relações étnico raciais na luta antirracista. Sendo assim, mais do que instrumentalizar os profissionais em formação referente às lutas antirracistas, foi também um importante momento de celebração e de afeto da cultura da diáspora africana e da história de resistência do Brasil e dos remanescentes da cultura africana. Desta forma, falar de memória afro diaspórica é tambem falar de práxis política, de luta de classe, na história brasileira, haja vista que foram quatro séculos de tensionamento e de resistência política no Brasil e na América Latina.

REFERÊNCIAS

ABEPSS. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. **Diretrizes gerais para o curso de Serviço Social:** com base no currículo mínimo aprovado em assembleia geral extraordinária de 8 de novembro de 1996. Rio de Janeiro: ABEPSS, 1996.

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** São Paulo: Ed. Letramento, 2018.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro. Polém, 2019.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 8. ed. São Paulo, 2006.

BRASIL. Resolução n. 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei n. 13.005/2014. Brasília: Presidência da República, 2018. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf Acesso em: 20 out. 2023.

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. de. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo: Cortez, 2014.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOREIRA, T. W. F. **Serviço social e luta antirracista**: contribuição das entidades da categoria no combate ao racismo. 2019. 182 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

MOURA, C. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1989.

MOURA, C. **Brasil:** as raízes do protesto negro. São Paulo: Editora Dandara, 2023. 352 p.

MUSTO, M. Musto: A crítica de Marx ao colonialismo é mais relevante do que nunca. **Blog Boitempo**, [*S. l.*], 16 jan. 2024. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2024/01/16/musto-a-critica-de-marx-ao-colonialismo-e-maisrelevante-do-que-nunca/. Acesso em: 18 jan. 2024.

NASCIMENTO, A. do. **O quilombismo**. Pétropolis, RJ: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *In*: RATTS, A. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006. p. 117-125.

NETTO, J. P. **Capitalismo monopolista e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2001.

RIBEIRO, D. **O Que é Lugar de Fala?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

VIEIRA, M. M. **"Minha voz, uso pra dizer o que se cala"?** Formação profissional em Serviço Social na UFOP e a questão étnico-racial. 2021. 163 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG, 2021.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS DE AUTORES E AUTORAS

1 Adriana Freire Pereira Férriz - Doutora em Sociologia, professora de Serviço Social na UFBA. Pesquisa democracia, controle social, políticas de educação e Serviço Social na educação. E-mail: adriana.ferriz@ufba.br

2 Eliana Canteiro Bolorino Martins - Pós-Doutora em Serviço Social pela UERJ (2019), doutora pela PUC/SP (2007) e mestre pela UNESP (2001). Docente na UNESP/SP e bolsista de produtividade CNPq. Lidera o GEPESSE e pesquisa política de educação e atuação do assistente social na educação e área sociojurídica. E-mail: elianacanteiro@terra.com.br

3 Wagner Roberto do Amaral - Graduado em Serviço Social, mestre e doutor em Educação, com pós-doutorados em Estudos Interculturais (México) e Educação Superior para Povos Indígenas (Argentina). Professor na Universidade Estadual de Londrina e ex-diretor de Diversidade na Secretaria de Educação do Paraná (2004-2010). Atua na coordenação nacional para implementar a Lei 13.935/2019 pela ABEPSS.Graduado em Serviço Social, Mestre e Doutor em Educação, Pós-doutorado em Estudos Interculturais pela Universidad Veracruzana/México e Pós-doutorado em Educação Superior para Povos Indígenas na América Latina pela Universidad Nacional Tres Febrero/Argentina. Professor do Departamento de Serviço Social do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina. Atuou como Diretor do Departamento da Diversidade na Secretaria de Estado da Educação do Paraná (2004-2010). Membro da Coordenação Nacional pela Implementação da Lei 13.935/2019 – Assistentes Sociais e Psicólogas/os na educação básica representando a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS).

4 Eblin Farage - Assistente social formada pela UFF, mestre e doutora em Serviço Social pela UFRJ e UERJ. Professora associada e coordenadora do NEPFE na UFF. Trabalhou na Maré, onde ajudou a fundar a Redes da Maré, e pesquisa temas urbanos, favelas, educação popular e movimentos sociais. Assistente Social formada pela UFF, Mestre e Doutora em Serviço Social, pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFRJ e da UERJ, respectivamente. Atualmente é professora associada da Escola de Serviço Social da UFF e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Desenvolvimento Regional da UFF (PPGSSDR). Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Favelas e Espaços Populares (NEPFE). Trabalhou na Maré por mais de dez anos, onde contribuiu com a fundação da Redes da Maré. Atualmente desenvolve pesquisas e projetos de extensão no campo da questão urbana, com ênfase em favelas e na Maré, educação popular, movimentos sociais e educação superior pública. E-mail: farage.eblin@gmail.com

5 Carlos Felipe Nunes Moreira - Faculdade de Serviço Social da UERJ. Doutor em Serviço Social. Graduando em Pedagogia. E-mail: felipe_pito@yahoo.com.br

6 Amor António Monteiro - Doutor e mestre em Serviço Social pela PUC-SP, diretor e professor na Universidade Católica de Angola e pesquisador no CNPq. Atua em saúde pública, auditoria e assistência social. Autor de dois livros e consultor em desenvolvimento comunitário.

7 Simão João Samba - Graduado em Serviço Social, com mestrado e doutorado pela PUC-SP e especialização em Agregação Pedagógica pela Universidade Católica de Angola. Professor e pesquisador na área de Serviço Social, atua em temas como exclusão social, desigualdade, juventude e trabalho informal.

8 Eliana Gricel Vasquez - Directora de Psicología Comunitaria y Pedagogía Social na Dirección General de Cultura y Educación de la Provincia de Buenos Aires. Professora adjunta em Política e Instituciones Educativas na Universidade Nacional de La Plata e em Teoria da Intervenção I na Universidade Nacional Arturo Jauretche. E-mail: elianagricelv@yahoo.com.ar

9 Rafael Gonçalves dos Santos - Assistente social, bacharel e mestre em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Campus de Franca/SP). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Políticas Públicas na Infância e Adolescência (GEPPIA).Assistente Social.Bacharel em Serviço Social pela Universidade Estadua. ORCID: http://orcid.org/0000-0003-3096-7223. E-mail: rafael.goncalves@unesp.br.

10 Eliana Bolorino Canteiro Martins - Assistente social, doutora em Serviço Social pela PUC/SP e Pós-Doutora pela UERJ. Docente na UNESP (Campus de Franca/SP) e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq (nível 2). Coordenadora do GEPESSE, com linha de pesquisa em Estado, Políticas Sociais e Serviço Social. Assistente Social. ORCID: orcid.org/0000-0002-7796-8437. E-mail: elianacanteiro@terra.com.br.

11 Yukari Yamauchi Moraes - Bacharel em Serviço Social e discente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UNESP (Campus de Franca/SP), sob orientação da Prof.ª Dr.ª Eliana Bolorino Canteiro Martins. Membro do GEPESSE, com linha de pesquisa em Estado, Políticas Sociais e Serviço Social. ORCID: 0000-0001-8730-7053 E-mail: yukari.yamauchi@unesp.br

12 Paula Cunha Guimarães Batatel Belmonte Santana - Assistente social, graduada pela UERJ, com especializações em Projetos Sociais e Saúde do Idoso. Mestre em Serviço Social pela PUC-SP. Coordenadora de equipe multiprofissional em educação profissional e membro de grupo de estudos sobre Serviço Social na Educação. ORCID: 0009-0003-5716-0187. E-mail: paulacunhag@hotmail.com

13 Williana Angelo - Assistente social no Instituto Federal de São Paulo – IFSP, doutoranda em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -PUC/SP., ORCID: 0000-0001-6708-6628. E-mail:, williangel@gmail.com

14 Fernanda Andrade Garcia - Doutoranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Unesp/Franca - SP. Integrante do grupo de pesquisa FIAPO/UNESP-Franca. ORCID: 0000-0003-2023-1167. E-mail: fernanda.garcia@unesp.br

15 Gustavo José de Toledo Pedroso - Professor da Unesp/Campus de Franca, docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, SP. Doutor em Filosofia pela USP e Pós-Doutorado em Filosofia pela USP. Coordenador do grupo de pesquisa FIAPO/UNESP-Franca. ORCID: 0000-0001-6555-0175. E-mail: gustavo.pedroso@unesp.br

16 Edgar Antônio Nery Alves Camelo - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de Goiás. Pós-Graduado, Lato Sensu em Docência Universitária pela Universidade Estadual de Goiás, (UEG). Mestrado em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás, (PPGS/UFG). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Membro pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa de Aprofundamento Marxista, NEAM. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Movimentos Sociais NEMOS. ORCID 0009-0009-6744-8583. E-mail: edgarnery@gmail.com

17 George Francisco Ceolin - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pelo Centro Universitário de Lins. Mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutorado em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto e Coordenador do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Goiás. Membro do Grupo de estudos Motyrõ - Trabalho, Questão Social e Direitos Humanos na Periferia do Capitalismo, da Universidade Federal de Goiás, e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Fundamentos do Serviço Social na Contemporaneidade (NEFSSC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. ORCID 0009-0000-66171847. E-mail: georgeceolin@ufg.br.

18 Tereza Cristina Pires Favaro - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutorado em História pela Universidade Federal de Goiás. Professora Adjunto da Universidade Federal de Goiás. ORCID: 0000-0003-4265-9965. E-mail: favaro@ufg.com

19 Aline Miranda Cardoso - Assistente social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrado em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutorado em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Assistente social do Instituto Federal do Rio de Janeiro. Membra do Núcleo de Mapeamento e Articulação em Ruptura (Numar) - o Serviço Social na Assistência Estudantil. ORCID: 0009-00012837-0041. E-mail: aline.cardoso@ifrj.edu.br.

20 Arlene Vieira Trindade - Assistente social, graduada e mestre em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense. Doutoranda em Serviço Social pela UERJ. Atua no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca e é membro do Núcleo de Mapeamento e Articulação em Ruptura (Numar). ORCID: 0000-0002-4021-2783. E-mail: arlenetrindade@yahoo.com.br.

21 Jéssica Oliveira Monteiro - Assistente social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense - Campus Rio das Ostras. Mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Assistente social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Membra do Núcleo de Mapeamento e Articulação em Ruptura (Numar) - o Serviço Social na Assistência Estudantil. ORCID: 0000-0002-5993-9253 E-mail: jessicaoliveiramont@gmail.com.

22 Patricia Lima do Nascimento - Assistente social, graduada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense e mestre pela UERJ. Doutoranda em Serviço Social na UERJ e atua na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Membra do Núcleo de Mapeamento e Articulação em Ruptura (Numar). ORCID: 0000-0002-6024-8302. E-mail: patilimaseso@gmail.com.

23 Elaine Cristina Estevam - Psicóloga Social. Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista. Mestranda em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista. Psicóloga da Prefeitura de Franca. Membra do grupo de estudos GESTA. ORCID: 0000-0002-0426-6485. E-mail: elaine.estevam@unesp.br

24 Maria José de Oliveira Lima - Assistente Social. Doutora em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista. Docente do Departamento de Serviço Social - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual Paulista. Líder do Grupo de estudos GESTA. ORCID: 0000-0002-2561-8929. E-mail: maria.jose-oliveira-lima@unesp.br

25 Eduardo Lima - Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-Graduando em Serviço Social na Educação. Membro do Grupo de Pesquisa em Gênero, Ética, Educação e Política - GEEP e do Grupo de Pesquisa Educação, Direitos Humanos e Interseccionalidades. ORCID: 0000-0002-6356-5100. E-mail: elima2929@gmail.com

26 Maria Fernanda Avila Coffi - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Pampa. Membra do grupo de pesquisa Educação, Direitos Humanos e Interseccionalidade. ORCID: 0000-0002-6708-3459. E-mail: mfernandacoffi@gmail.com

27 Ewerton da Silva Ferreira - Licenciado em Ciências Humanas e mestre em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Pampa. Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Membra do NEJUC - Núcleo de Estudos da Educação e Juventude Contemporânea ORCID: 0000-0001-7588-0338. E-mail: ewertonferreira266@gmail.com

28 Por: Amanda Bersacula - Assistente social, graduada pela UniRedentor, com mestrado em Ensino pela UFF e doutoranda em Educação na mesma instituição. Atua no Instituto Federal Fluminense (IFF) e é membro do Núcleo de Tradução, Estudos e Interpretação das Obras da Teoria Histórico-Cultural. NUTHIC. ORCID: 0000-0002-7107-7756. E-mail: amanda.bersacula78@gmail.com

29 Zoia Prestes - Pedagoga com graduação e mestrado em Ciências Pedagógicas pela Universidade Estatal de Pedagogia de Moscou (MGPU). Doutora em Educação pela UnB. Professora na Faculdade de Educação da UFF, atuando nas licenciaturas e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu/UFF). Coordenadora do Núcleo de Tradução, Estudos e Interpretação das Obras da Teoria Histórico-Cultural (NUTHIC). ORCID: 0000-0002-1347-3195. E-mail: zoiaprestes@id.uff.br

30 Maria Gabriela Pereira da Silva - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual de Londrina -UEL, especialista no atendimento à criança e ao adolescente vítima de violência. Mestrado em Serviço Social pela UEL. Assistente Social do Hospital Universitário de Londrina. ORCID: https://orcid.org/0009-0008-1770-7498. E-mail: maria.gabrielaa@uel.br.

31 Ana Patrícia Pires Nalesso - Assistente social, especialista em saúde pública, mestre pela PUC-SP e doutora pela UEL. Coordenadora de pesquisa sobre desigualdade social em Londrina e do projeto de extensão "Recriar". Professora no Departamento de Serviço Social da UEL. Orcid ttps://orcid.org/0000-0002-2903-738X , E-mail apatriciapn@uel.br.

32 Cristiano Costa de Carvalho - Assistente social, graduado em Serviço Social pela PUC Minas. Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local. Doutorando em Serviço Social pela FCHS/UNESP e bolsista CAPES. Professor no IEC/PUC Minas. Membro do GEPESSE e do QUAVISSS.E-mail: cristiano.c.carvalho@unesp.br

33 Eliana Bolorino Canteiro Martins - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Instituição Toledo de Ensino de Bauru. Mestrado em Serviço Social pela UNESP/Campus de Franca. Doutorado em Serviço Social pela PUC/SP. PósDoutorado em Serviço Social pela UERJ. Livre Docência pela UNESP/Campus de Franca. Docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social UNESP/Franca. Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq - Nível 2. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Serviço Social na Educação (GEPESSE). E-mail: elianacanteiro@terra.com.br

34 Eunice Paulo Chichava - Licenciada em Planificação e Administração de Gestão de Educação pela Universidade Pedagógica da Cidade de Maputo, Moçambique. Gestora de recursos humanos desde 2011 no Governo do Distrito de Boane. Mestranda em Planejamento e Análise de Políticas Públicas pela UNESP - Campus de Franca. E-mail: e.chichava@unesp.br

35 Juliana Viegas Guimarães - Assistente Social. Graduação em Serviço Social e especialista em Instrumentalidade e Técnicas-Operativas em Serviço Social, ambos pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: juviegasg@gmail.com

36 André Monteiro Moraes - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba. Mestrado em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba. Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Proteção Social (GETRAPS - UEPB). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Serviço Social na área de Educação (GEPESSE - UFBA/UNESP/UERJ). Membro do Grupos de Estudos O círculo de Bakhtin em diálogo (cadastrado no DGP/CNPq/UEPB). Membro do Grupo de Pesquisa A Reforma do Ensino Médio (Lei no 13.415/2017): implicações para as redes estaduais e institutos federais da Região Nordeste (IFRN). Membro da Subcomissão de Educação da Seccional Campina Grande do CRESS 13 Região/Paraíba. ORCID: https://orcid.org/0000-00033425-0457. E-mail: andre.monteiro063@gmail.com

37 Edna Medeiros do Nascimento - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba. Mestrado em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba. Assistente Social da Pró-Reitoria Estudantil, da Universidade Estadual da Paraíba. Membro da Subcomissão de Educação da Seccional do CRESS/Campina Grande/PB, ORCID https://orcid.org/0009-0009-8510-9008. E-mail: ednamedeirosnascimento@gmail.com .

38 Kivania Karla Silva Albuquerque Cunha - Assistente Social graduada pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, com Especialização em Políticas Públicas e Assistência Social pela Fundação Universitária de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão – FURNE. Mestrado em Serviço Social pelo programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UEPB. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Serviço Social na Educação (GEPESSE), vinculado à UNESP de Franca/SP. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Básica (PPGEd/CH-UFCG/CNPQ). Membro da Subcomissão de Educação do CRESS/Seccional de Campina Grande-PB. Assistente Social da rede pública de educação básica do município de Areial-PB. ORCID https://orcid.org/0000-0002-0426-827X E-mail: kivaniass@gmail.com

39 Maria Dolores Melo do Nascimento - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Assistente Social da Prefeitura Municipal de Campina Grande (PMCG). Atualmente, integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Básica (PPGed/CH-UFCG/CNPQ). ORCID:0009-0008-9948-0759. E-mail:maria.dolores@estudante.ufcg.edu.br

40 Maria Noalda Ramalho - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Assistente Social da Prefeitura Municipal de Campina Grande (PB), com exercício na Política de Educação. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Serviço Social na área da Educação (GEPESSE), vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Serviço Social da Unesp, UERJ e UFBA. Membro da Subcomissão de Educação da Seccional Campina Grande do CRESS 13 Região/Paraíba. ORCID https://orcid.org/0009-0004-8699-9624 . E-mail: noaldaramalho@hotmail.com.

41 Flávia Pacheco Sanchez - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). ORCID: 00090008-6707-7930. E-mail: flavia.pacheco@unesp.br

42 Andreia Aparecida Reis de Carvalho Liporoni - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestrado em Ciências Médicas pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP) e Doutorado em Serviço Social pela UNESP. Pós Doutorado na Universidad Pablo de Olavide - Espanha. Docente do departamento de Serviço Social da UNESP/Franca. Líder do GEPAPOS (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Participação nas Políticas Sociais). ORCID: 0000-0002-0691-7528. E-mail: andreia.liporoni@unesp.br

43 Ariane Rego Paiva - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestrado e Doutorado em Política Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente do departamento de Serviço Social da PUC-Rio. Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq Estado, Sociedade, Políticas e Direitos Sociais - GESPD/ PUC-Rio. ORCID: 0000-0002-5827-6355. E-mail: arianepaiva@puc-rio.br

44 Ana Laura Batista Marques - Graduanda em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista. Membra do Núcleo de Estudos da Tutela Penal e Educação em Direitos Humanos (NETPDH). ORCID: 0009-0006-6290-7435. Email:ana.b.marques@unesp.br.

45 Maria Yumi Buzinelli Inaba - Graduanda em Direito pela Universidade Estadual Paulista. Membra do Grupo de Estudos e Pesquisa em Propriedade Intelectual e Desenvolvimento Econômico-Social (GEPPIDES), do Grupo de Pesquisa em Direito e Mudança Social (DeMuS) e do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas "Elza Andrade de Oliveira" (Nepps). ORCID: 0009-0006-8818-1206. E-mail: maria-yumi.inaba@unesp.br.

46 Fábia Halana Fonseca Rodrigues Pita - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba. Mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba. Assistente Social da Prefeitura Municipal de João Pessoa - PB. Membra do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Popular, Serviço Social e Movimentos Sociais - GEPEDUPSS - UFPB. ORCID: 0000-0003-4776-6241. E-mail: fabiahalana@hotmail.com

47 Maria Francisca Máximo Dantas - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Assistente Social da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/ Campus Cuité-PB). Membro do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) do CES/UFCG. Membra do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Popular, Serviço Social e Movimentos Sociais – GEPEDUPSS – UFPB. ORCID: 0000-0003-3489-8034. E-mail: mariamaximodantas@yahoo.com.br .

48 Thélia Priscilla Paiva de Azevedo - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba. Assistente Social da Prefeitura Municipal de João Pessoa-PB. Membra do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Popular, Serviço Social e Movimentos Sociais – GEPEDUPSS - UFPB. ORCID: 0000-0002-2546-8828. E-mail: theliapaiva@gmail.com.

49 Ney Luiz Teixeira de Almeida - Professor Associado da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduado em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1986), Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1996) e Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2010). Tem experiência nas áreas de Educação e de Serviço Social. Atua principalmente em atividades de ensino de graduação e pósgraduação, pesquisa, extensão universitária e assessoria vinculadas ao trabalho no âmbito das políticas públicas, particularmente, na política educacional. Membro do corpo de professores permanentes do Programa de PósGraduação em Serviço Social da Faculdade de Serviço Social da UERJ e membro do corpo de professores colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da (PPFH) da UERJ. Vice-líder do Diretório Grupo de Pesquisa "Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Serviço Social na área de Educação (GEPESSE). ORCID: 0000-0003-2865-7330. Email: neylta@hotmail.com

50 Natália Ibiapino Proença - Graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bolsista do Núcleo de Sistematização de Experiências do campo de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NSEP-UERJ) e membra do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Serviço Social na área da Educação (GEPESSE). ORCID: 0000-0001-7732-4773. Email: nataliaibproenca@gmail.com

51 Edilene Rodrigues de Santana Silva - Graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, extensionista e estagiária do NSEPP membra do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Serviço Social na área da Educação (GEPESSE). ORCID: 0009-0004-2384-9899. Email: edilenerss1@gmail.com

52 Brenda do Nascimento Gama - Graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista do Núcleo de Sistematização de Experiências do campo de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NSEPP-UERJ) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Serviço Social na área da Educação (GEPESSE). ORCID: 0009-0006-9949-0127 Email: brenda.gama@yahoo.com

53 Yasmin Oliveira Burgos - Graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bolsista e estagiária do projeto de extensão Núcleo de Sistematização de Experiências do campo de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NSEP-UERJ) e membra do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Serviço Social na área da Educação (GEPESSE). ORCID: 0009-0007-8245-9569. Email: yasmin.burgos.03@gmail.com

54 Adeildo Vila Nova - Assistente social no Tribunal de Justiça de São Paulo, doutorando em Serviço Social pela PUC-SP e mestre em Serviço Social e Políticas Sociais pela UNIFESP. Pesquisador nos núcleos de Identidades, Aprofundamento Marxista e Crianças e Adolescentes da PUC-SP, além de Diretor-Primeiro Secretário na AASPTJ-SP. ORCID: 0000-0001-8014-1804. E-Mail: adeildovilanova@yahoo.com.br

55 Cleonilda Sabaini Thomazini Dallago - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestrado em Serviço Social e Políticas Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Assistente Social na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Membra do grupo de estudos Fundamentos do Serviço Social: Trabalho e Questão Social. ORCID: 0009-0008-1068-1766. E-mail: cleonilda.dallago@unioeste.br.

56 Marize Rauber Engelbrecht - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutorado e Pós-Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Membra do grupo de pesquisa Fundamentos do Serviço Social: Trabalho e Questão Social e do Grupo de Estudo e Pesquisa e Políticas Ambientais e Sustentabilidade/ GEPPAS. ORCID: 0000-0002-7657-0662. E-mail: omarize@hotmail.com.

57 Vantuir Trevisol - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Serviço Social – PPGSS da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. ORCID: 0009-0009-4715-4705. E-mail: vantuirtrevisol@hotmail.com.

58 Yara Dias Fernandes - Assistente Social formada pelo Centro Universitário do Sul de Minas Gerais (UNIS/MG) e mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade pela Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). Atualmente, atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS-Campus Machado) e é membro do Núcleo de Estudos em Educação, Gênero e Sexualidade do mesmo campus. ORCID: 0000-0003-2996-7074. E-mail: yara.dfernandes@gmail.com.

59 Lilian Aparecida Carneiro Oliveira - Pedagoga no IF Sudeste MG Campus Rio Pomba. Doutoranda em Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa (UFV). ORCID: 0000-0002-1543-7964. E-mail: lilian.carneiro@ifsudestemg.edu.br.

60 Lilian Perdigão Caixêta Reis - Professor Associado I da Universidade Federal de Viçosa, no Departamento de Educação. Pós-Doutorado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). ORCID: 0000-0001-6827-871X. E-mail: lilian.perdigao@ufv.br.

61 Emmanuella Aparecida Miranda - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela FAMINAS e Pedagogia pela UNIRIO. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Viçosa. Doutoranda em Economia Doméstica pela UFV. Assistente Social do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais Campus Muriaé. Membra do grupo de estudos Trabalho, sociabilidade e gênero da Universidade Federal de Viçosa. ORCID: 0000-0002-5562-8159. E-mail: emmanuella.miranda@ufv.br

62 Débora Spotorno Moreira Machado Ferreira - Doutoranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da UERJ. Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2011). Recebe Bolsa de Incentivo à Qualificação do Instituto Federal Fluminense - Campus Macaé, instituição onde atua como assistente social desde 2014. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Serviço Social na Educação (GEPESSE) e do Grupo de Estudos Gramsci e Educação. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9902-4683 Email: deboraspotorno@gmail.com

63 Nívia Barreto dos Anjos - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela UCSAL. Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania pela UCSAL. Doutoranda em Serviço Social no Instituto Universitário de Lisboa. Especialista em Gestão de Políticas Públicas de Ensino e no Programa Integral da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) pelo CEFET-BA. Assistente Social do IF Baiano Campus Santa Inês. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Serviço Social na Educação – GEPESSE. ORCID: https://orcid.org/00000002-4225-9868. E-mail: nivia.barreto@ifbaiano.edu.br

64 Mariana Mendes Novais de Oliveira - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela UFBA. Especialista em Práticas do Serviço Social nas Políticas Públicas pela UNIFACS., Assistente Social do IF Baiano – Campus Valença. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2939-4480. E-mail: mariana.oliveira@ifbaiano.edu.br

65 Tatiana Pereira Sodré - Graduada e doutora em Psicologia, com MBA em Gestão de Recursos Humanos e especializações em EAD e Psicoterapia. Professora no Instituto Federal de Roraima, possui ampla experiência em psicologia organizacional, atuando em docência, consultoria e projetos de avaliação de políticas públicas.

66 Alexandra de Oliveira Rodrigues Marçulo - Mestre em Educação pela UFRRJ, especialista em Psicologia Hospitalar e graduada em Psicologia. Psicóloga no IFRR, atua em Psicologia do Trabalho e Organizacional, focando em qualidade de vida, saúde do servidor e psicologia positiva. Possui experiência em Psicologia Escolar e Educacional.

67 Wilma Moraes - Graduada em Serviço Social pela UFRJ e mestre em Educação pela UFRRJ. Assistente social no Instituto Federal Fluminense, com experiência em educação e saúde pública, focando em saúde do trabalhador, assistência estudantil e prevenção nas escolas.

68 Lígia da Nóbrega Fernandes - Graduação em Serviço pela UERN, Mestrado em Serviço Social pela UFRN e Doutora em Serviço Social pela (UNESP/Franca). Atualmente, é docente do Curso de Graduação em Serviço Social na Universidade Estadual de Roraima-UERR, Assistente Social no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima-IFRR (Campus Boa Vista) e compõe o GEPESSE (UNESP/Franca). ORCID: 0009-0004-7941-1132. E-mail: ligiadanobrega@gmail.com

69 Vanilda Soares Santos - Mestranda em Serviço Social (UNIFESP) Brasileira, Graduada em Serviço Social (UNISAL), atuando nas políticas de ações afirmativas na UNICAMP. E-mail: vani@sae.unicamp.br

70 Cibele Papa Palmeira - Coordenadora do Serviço Social do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) da Unicamp. Graduada em Serviço Social pela PUC Campinas-SP (1998). Pós graduada em Serviço Social em Pediatria (Unicamp - 1999). E-mail: cibelepp@unicamp.br

71 Vanessa Tank Piccirillo Komesu - Assistente Social do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) Unicamp - E-mail: vanessptk@unicamp.br

72 Franciana Nogueira Correa - Assistente Social do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) Unicamp - E-mail: francinc@unicamp.br

73 Sônia Maria Pereira - Assistente Social do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) Unicamp - E-mail: somape@unicamp.br

74 Joelma Mendes dos Santos - Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Serviço Social (PPGSS/UFBA), e-mail: joelmams@hotmail.com.

75 Célia Maria Grandini Albiero - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Instituição Toledo de Ensino de Bauru/SP (ITE/SP). Mestrado e Doutorado em Serviço Social (PUC/SP). Docente em Serviço Social (UFT/TO). Líder e Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Serviço Social, Formação e Exercício Profissional (GEPESSFEP). Em estágio Pós-Doutoral no PPGIDH (UFG). ORCID: 0000-0002-9036-7134. E-mail: celiaalbiero@uft.edu.br.

76 Maísa Miralva da Silva - Assistente Social. Graduação pela PUC Goiás em Serviço Social (PUC-Goiás). Mestrado e Doutorado em Política Social pela UnB. Docente em Serviço Social (PUC-Goiás) e atualmente Pró-Reitora de Assuntos Estudantis (UFG). Supervisora Adjunta do Pós-Doutorado no PPGIDH (UFG). ORCID: 0000-0003-2852-5362. E-mail: maisa@ufg.br.

77 Ricardo Barbosa de Lima - Cientista Social. Licenciatura em Ciências Sociais (UFG). Bacharelado em Ciências Sociais (UFG). Mestrado em Sociologia (UnB). Doutorado em Desenvolvimento Sustentável (UnB), com período sanduíche na UNAM, México. Docente e Supervisor do Pós-Doutorado do PPGIDH/NDH (UFG). ORCID: 0000-0002-0819-620X. Email: ricardobl@ufg.br.

78 Ivanice de Oliveira Candido Neres - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Serviço social na UNIOESTE. Assistente Social na Universidade Federal do Paraná - Setor Palotina-PR. ORCID: 0001-9159-550X. E-mail: ivanice_candido@hotmail.com

79 Jaqueline Budny - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Serviço social na UNIOESTE. Assistente Social na Universidade Federal do Paraná - *campus* Toledo-PR. ORCID: 0009-0000-4959-6480. E-mail: jaquelinebudny@yahoo.com.br.

80 Cleonilda Sabaini Thomazini Dallago - Assistente Social. Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UNIOESTE - *campus* Toledo-PR. ORCID:0009-0008-1068-1766 E-mail: cleonilda.dallago@unioeste.br

81 Merielle Martins Alves - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Unimontes. Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Assistente Social da Universidade Federal de Uberlândia-UFU. ORCID: 0009-0004-34439246. E-mail: merielle.martins@ufu.br

82 Clara Rodrigues da Cunha Oliveira Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).Especialista em Instrumentalidade do Serviço Social Universidade Cândido Mendes. Assistente Social da Universidade Federal de Uberlândia-UFU. ORCID: 0009-0002-2809-4726. E-mail: claracunha@ufu.br

83 Fernanda Rodrigues Arrais - Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Doutoranda do Programa de Estudos PósGraduados em Política Social da Universidade Federal Fluminense. Assistente Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membra do grupo de Estudos e Pesquisas sobre Serviço Social na área da Educação. ORCID: 0009-0003-5142-0152. E-mail: ferodrigues0505@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

1. Assistência Estudantil

29, 44, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 249, 251, 261, 301, 349, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 452, 469, 471, 507, 508, 509, 518, 519, 521, 525, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 538, 539, 540, 541, 544, 545, 546, 547, 548, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 566, 568, 569, 570, 571, 573, 574, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 586, 587, 588, 589, 590, 596, 601, 602

2. CFESS (Conselho Federal de Serviço Social)

19, 24, 25, 34, 44, 47, 56, 61, 62, 69, 91, 93, 117, 137, 141, 143, 154, 224, 241, 282, 292, 293, 308, 309, 508, 509, 536, 549, 568, 595

3. CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)

24, 25, 219, 300

4. COVID-19

15, 43, 204, 208, 213, 232, 236, 264, 265, 266, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 276, 277, 283, 285, 286, 288, 293, 309, 349, 382, 460, 470, 478, 481, 482, 483, 486, 487, 493, 502, 523, 572

5. Direitos Humanos

62, 117, 121, 124, 127, 193, 195, 199, 249, 250, 266, 285, 317, 321, 322, 323, 324, 343, 364, 460, 461, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 473, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 554, 555, 556, 557, 558

6. Direitos Sociais

15, 28, 116, 117, 118, 119, 122, 126, 143, 145, 221, 222, 225, 226, 227, 242, 243, 282, 300, 304, 311, 334, 336, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 373, 401, 419, 442, 501, 534, 548, 549, 555, 565, 569

7. ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente)

29, 44, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 249, 251, 261, 301, 349, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 452, 469, 471, 507, 508, 509, 518, 519, 521, 525, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 538, 539, 540, 541, 544, 545, 546, 547, 548, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 566, 568, 569, 570, 571, 573, 574, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 586, 587, 588, 589, 590, 596, 601, 602

8. Educação Básica
43, 44, 45, 47, 48, 49, 54, 56, 124, 125, 144, 211, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 232, 233, 235, 238, 239, 241, 242, 243, 249, 251, 261, 269, 276, 280, 281, 282, 283, 285, 286, 288, 291, 292, 293, 298, 299, 300, 301, 304, 307, 308, 309, 310, 312, 336, 355, 357, 358, 400, 415, 417, 418, 419, 421, 422, 429, 431, 434, 442, 503, 515, 588, 601

9. Educação Inclusiva
68, 348, 349, 350, 352, 353, 354, 355, 357, 358

10. Educação Popular
14, 15, 16, 59, 42, 51, 52, 60, 61, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 74, 84, 85, 117, 193, 249, 347, 365, 475, 476, 608, 613

11. EJA (Educação de Jovens e Adultos)
48, 75, 222, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 340, 341, 342, 344, 423, 431

12. Ensino Fundamental
30, 49, 233, 310, 326, 334, 337, 341, 349, 431, 550

13. Ensino Médio
29, 49, 88, 221, 222, 223, 233, 235, 236, 251, 326, 337, 341, 354, 356, 358, 401, 414, 415, 417, 419, 421, 421, 422, 423, 429, 438, 469, 504, 518, 519, 252, 540, 565, 586, 596, 597, 598

14. Equipes Multiprofissionais
35, 44, 50, 54, 125

15. Ética Profissional
125, 540

16. Evasão Escolar
28, 35, 89, 93, 242, 269, 276, 285, 286, 288, 296, 327, 339, 603

17. Experiências Profissionais
14, 24, 50, 365, 370, 532, 547

18. Formação Continuada
52, 53, 55, 56, 124, 125

19. GEPESSE (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Serviço Social na Educação)
14, 15, 18, 19, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 36, 38, 39, 42, 43, 47, 52, 60, 75, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 300

20. Gestão Democrática
30, 34, 54, 69, 230, 549, 551, 552, 556

21. Indicadores Sociais
265, 266, 267, 277, 384, 578, 579, 584, 585, 586, 589

22. Interdisciplinaridade
304, 305

23. Intersetorialidade
367

24. Lei de Diretrizes e Bases da Educação
46, 221, 225, 350, 418, 518, 552

25. Modalidades de Ensino
20, 25, 125, 239, 244, 356, 437, 468

26. Movimentos Sociais

14, 16, 24, 62, 65, 69, 70, 114, 116, 122, 124, 126, 140, 187, 193, 196, 221, 222, 223, 225, 228, 249, 315, 364, 365, 366, 367, 388, 394, 398, 399, 400, 404, 405, 406, 450, 520, 550, 571, 580, 597

27. Pesquisa e Extensão

76, 203, 204, 205, 212, 310, 351, 430, 431, 452, 566, 572, 580, 581

28. Política de Educação Pública

299

29. Políticas Públicas

28, 33, 60, 62, 63, 65, 106, 113, 120, 122, 124, 126, 127, 141, 153, 186, 212, 218, 223, 225, 226, 232, 233, 236, 238, 241, 242, 250, 251, 252, 259, 265, 266, 267, 270, 277, 281, 282, 286, 325, 328, 329, 340, 342, 344, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 371, 372, 384, 386, 394, 403, 405, 421, 424, 434, 435, 436, 438, 442, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 517, 547, 584, 585

30. Práticas Educativas

53, 77, 144, 310, 399

31. Processo de Trabalho

27, 154, 249, 250, 251, 252, 301, 311, 367, 395, 454, 500, 522, 529, 531, 532, 536, 538, 589

32. Qualidade da Educação

34, 353, 418, 553

33. Relações Étnico-Raciais

10, 378, 379, 380, 381, 388

34. Trabalho Pedagógico

416

35. Vulnerabilidade Social

35, 171, 181, 238, 339, 350, 517, 519, 530, 531, 565, 570, 584, 587

Esperançar!! Os desafios, as perspectivas e possibilidades deste verbo se revelam nesta obra, resultado de muitas mãos que tecem a reafirmação de que é possível provocar transformações nesta sociedade em que vivemos.

Este e-book é um dos resultados, uma síntese, do que vivenciamos no III Seminário Internacional de Serviço Social na Educação, realizado na cidade de Franca/SP, nos dias de 07 a 09 de dezembro de 2024. De fato, uma pequena, mas profunda síntese, pois revela alguns dos temas discutidos na terceira edição de um evento que já compoe a agenda do Serviço Social brasileiro.

Esta obra revela, desta forma, as marcas de um caminho que foi sendo aberto e trilhado de forma coletiva e participativa pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Serviço Social da Educação (GEPESSE) criado oficialmente no ano de 2010 mas com ações que já vinham se constituindo há mais tempo por suas e seus idealizadoras/es. Assim tem sido o percurso do GEPESSE, um dos mais importantes coletivos sobre Serviço Social na Educação no Brasil e que, na sua trajetória, assume a tarefa de mobilizar, convidar, provocar e refletir de forma polifônica e dialógica com as/os estudantes, profissionais, gestoras/es e pesquisadoras/es de diferentes áreas do conhecimento.

Como nos inspira Paulo Freire, esperançar não é simplesmente espera, mas sim, levantar-se e juntar-se com as/os outras/os para fazer de outro modo! Este nosso e-book representa esse modo de pensar a educação e o Serviço Social como possibilidades de formação crítica, emancipatória, reflexiva e propositiva, dialogando entre diferentes experiências profissionais, entre diferentes áreas do conhecimento, entre diferentes realidades brasileiras e internacionais.

Embaladas/os e inspiradas/os pelas reflexões e experiencias da educação popular, avançamos nos desafios e nas possibilidades de pensar e fazer Serviço Social na e da educação, projetando nossa participação nos processos de democratização da educação publica, laica, gratuita, intercultural, de qualidade e socialmente referencializada. Do chão das escolas publicas, dos Institutos Federais, das Universidades, das salas de aula e dos espaços de gestão, fomos somando e refletindo nossas experiencias gerando um movimento que segue provocando mudanças históricas na nossa categoria profissional e nas políticas educacionais brasileiras.

Desejo que a leitura desta obra provoque nas leitoras e leitores a inspiração e a coragem necessárias para fazer da educação uma ferramenta de transformação na luta anticapitalista, antirracista, antifascista dentre outras frentes que nos provocam juntas/os a pensar num outro mundo possível!

Prof. Dr. Wagner Roberto do Amaral
Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Este livro que nos chega às mãos é a pura expressão do compromisso, determinação, entusiasmo e vitalidade coletiva das e dos assistentes sociais com a Educação no Brasil e países afins.

Ele nos alcança em um momento fundamental, visto a Lei 13935/2019. Contudo, importa destacar a magnitude metodológica do processo que o constituiu. Estamos diante de uma laboração única advinda de uma pesquisa robusta e de um processo de debates e produção acadêmica que envolveu sujeitos históricos, entidades de representação da categoria e instituições de ensino. Um trabalho como este, que certamente não se encerra neste livro, potencializa a luta, o trabalho e eleva a estima de uma categoria que no cotidiano intervém na dura realidade presente nas manifestações da Questão Social.

Após a leitura temos a certeza de que o Serviço Social está preparado para o trabalho multiprofissional na Educação. Somos uma rede espraiada pelo país, sustentada por referenciais teórico-metodológico e ético-políticos sólidos e críticos e que se vale do legado da geração de 1965 que orientou o fazer político pedagógico da profissão sob o horizonte da emancipação humana.
Sigamos agradecidos às e aos "compas" do GEPESSE que nos ensinam que esperançar é preciso!

Profa. Dra. Kênia Augusta Figueiredo
Departamento de Serviço Social/SER/UnB
Programa de Pós-Graduação em
Políticas Sociais SER/ICH/UnB

ISBN: 978-65-86839-35-7
9 786586 839357